



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA”: UMA ANÁLISE DO
TEXTO DE TENNESSEE WILLIAMS E UM PARALELO COM A
PINTURA DE RENÉ MAGRITTE**

Mateus Monteiro Barbosa*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa traçar um possível paralelo entre as obras de arte de dois artistas contemporâneos (início do século XX), que atuavam em diferentes tipos de produção artística, a saber: a dramaturgia e a pintura. O estudo se dará através da análise da peça curta de Tennessee Williams chamada “Fala Comigo Doce Como a Chuva” sob as características pictóricas marcantes da obra do pintor surrealista René Magritte. É importante ressaltar que não há a pretensão de se afirmar que um artista teria influenciado diretamente a obra do outro, tanto porque não há qualquer informação científica a este respeito. Para tanto, o estudo será realizado por meio do estudo bibliográfico e da análise mais detalhada da peça teatral de Williams, anteriormente mencionada, sob o prisma das pinturas de Magritte.

História Cultural

* Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura

2. TENNESSEE WILLIAMS

O autor americano nasceu em 1911 em Columbus, Estados Unidos da América, em uma família pobre e bastante conturbada. O pai era vendedor de sapatos, alcoólatra e agressivo, enquanto sua mãe tinha distúrbios de humor. Durante a infância, Williams foi atingido por uma grave doença que o afastou por um ano da escola, fazendo com que encontrasse nos livros um refúgio da dura realidade. Foi na literatura que encontrou um conforto maior do que aquele mal estar que sentia ao ocupar o mundo real. A sua carreira no teatro teve início quando, com aproximadamente 28 anos, ganhou um concurso de peças curtas com quatro obras para as quais deu o nome de “American Blues”, nas quais trata de radicalismos e preocupações sociais decorrentes dos anos da Depressão. Além do prêmio de cem dólares o autor foi contratado para escrever roteiros para cinema, sem obter sucesso à época. No ano seguinte, escreveu “Battle of Angels” que também não alcançou sucesso relevante para as bilheteria da época. Face à cultura norte-americana, que busca e valoriza o sucesso acima de qualquer outra coisa, Tennessee só passou realmente a ter alguma relevância no cenário artístico de seu tempo com o sucesso atingido com a peça “À Margem da Vida” (*The Glass Menagerie*), em 1945, quando tinha 34 anos, idade já considerado tardio pelo próprio dramaturgo.

Embora tenha experimentado em vida o sucesso e o reconhecimento – ao contrário do que se passa com a maioria dos artistas que buscam quebrar com as barreiras do reconhecível – Tennessee encontrou resistência da crítica durante toda sua carreira, que por vezes consideravam que suas peças não obedeciam a estrutura de uma “peça bem-feita”, ou então falta de disciplina e uma desnecessária multiplicação de motivos. Por certo, o escritor foi diretamente impactado pelas críticas ao ponto de escrever o clássico texto de “Gata em Teto de Zinco Quente” (*Cat in a hot tin roof*) sob a égide do que seria considerada “peça bem-feita”, observando a verossimilhança dos personagens, a unidade de tempo e espaço (tudo acontece no mesmo dia e no mesmo lugar), espetáculo considerado por ele mesmo sua melhor obra. Sobre este episódio, entende a professora Iná Camargo Costa:

Não é impossível, pois, que o dramaturgo tenha escrito sua ‘peça preferida’ com um olho nos críticos, para mostrar-lhes que sabia escrever como pediam, e outro na bilheteria. No que andou bem, porque o sucesso na Broadway seguiu-se o de Hollywood, garantindo-lhe uma

situação financeira bastante confortável, capaz de justificar até uma aposentadoria. (COSTA, 2001, p.132).¹

Além de livros de poesia e contos, Tennessee Williams escreveu um total de 32 peças curtas, 7 médias, 24 longas, 15 filmes que alcançaram muito sucesso e são considerados clássicos do cinema mundial, tais como “Um Bonde Chamado Desejo” (*A Streetcar Named Desire*) e o já mencionado “Gata em Teto de Zinco Quente”, texto pelo qual recebeu o prêmio Pulitzer em 1954.

É certo, contudo, que seus textos não obedeciam o padrão convencional do teatro que era produzido em seu tempo. Já em “À Margem da Vida” encontramos na primeira rubrica a seguinte observação, que foge ao óbvio e desafia os atores e diretores de seu tempo: “O narrador é uma convenção explícita da peça. Ele adota com a convenção dramática todas as licenças que servem a seus propósitos”. Ao lançar mão do narrador Tennessee deixa clara sua influência das técnicas do teatro épico de Brecht e Piscator, como também a projeção de legendas e fotos. Tais elementos extirpam uma objetividade do conteúdo reconhecidamente dramático exigindo de quem assiste uma análise, por vezes doída e indesejável, sobre as sutilezas, símbolos e entrelinhas de sua obra.

Como dito anteriormente, sua obra atingiu grande reconhecimento e consagração no cenário dramático mundial muito por causa das peças longas e seus filmes. Fazem parte do seleto grupo de grandes personagens da dramaturgia universal a sua Blanche Dubois e seu Stanley Kowalski de “Um Bonde Chamado Desejo”, os quais receberam uma releitura no cinema de Woody Allen no “Blue Jasmine” de 2013, reforçando a potência e a complexidade de suas criações. Em 2012, a peça “Gata em Teto de Zinco Quente” esteve em cartaz nos teatros da Broadway com atuação de Scarlett Johansson, numa superprodução de cenários magníficos, figurinos caros e bons atores. Há previsão do mesmo texto ser montado em breve em São Paulo, com o protagonismo da atriz Bárbara Paz e direção de Eduardo Tolentino. Fatos que consagram a permanência da obra de Williams no imaginário coletivo e como ainda desafiam grandes encenadores, teatrólogos e atores.

Todavia, suas peças curtas são pouco exploradas tanto academicamente quanto artisticamente. Os traços mais característicos da obra do autor perpassam seus textos curtos numa potência imensa e nos fornecem um panorama interessante de seu tempo,

¹ COSTA, Iná Camargo. Panorama do Rio Vermelho. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

seu pensamento artístico e suas inquietações, como veremos a seguir através do estudo do texto “Fala Comigo Doce Como a Chuva”.

3. “FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA”

Muito embora Tennessee Williams tenha escrito vários textos curtos relevantes, neste estudo vamos nos ater à obra “Fala Comigo Doce Como a Chuva” (*Talk to me like the rain and let me listen*), escrita em 1953, posterior, portanto, aos seus já consagrados “À Margem da Vida” (1945) e “Um Bonde Chamado Desejo” (1948). Ou seja, podemos afirmar que o autor já estava numa fase madura de sua vida artística, aos 42 anos de idade e com o nome consagrado no meio artístico.

Nesta peça, o autor configura uma cena completamente decadente ao escrever sobre um casal jovem, num apartamento miserável da Zona Oeste de Manhattan. Eles não têm nome próprio, são chamados apenas de “Homem” e “Mulher”. O homem está deitado numa cama dobrável e acorda como se tivesse bebido muito antes de se deitar. A mulher está sentada numa cadeira olhando pela janela para um céu cinza; está prestes a chover.

A primeira característica dessa obra que merece destaque é a beleza e a poesia das rubricas escritas por Tennessee. Muito embora o texto não entre na peça pela boca dos atores em forma de diálogo, o autor faz questão de fornecer um painel evado de lirismo para que o leitor, seja ele também artista ou não, possa experimentar o clima que está sendo proposto. Com exemplo, transcrevemos: “Ambos têm rostos jovens e desolados como os rostos de crianças em países devastados pela fome. Na maneira de falar existe uma certa delicadeza, uma espécie de formalidade meiga como de duas crianças solitárias (...)”

Dentre possíveis interpretações acerca deste texto, que é cheio de imagens e símbolos como veremos a seguir, neste estudo vamos focar incomunicabilidade do casal que é consequência de suas projeções (memória/imaginação) fazendo com que habitem mundos completamente diferentes.

Já no primeiro diálogo dos personagens apresenta-se o entroncamento na comunicação, quando o homem pergunta as horas à mulher que responde “domingo”. De início o autor nos mostra que dentro daquela cena decadente, claustrofóbica de um quarto sujo, fétido, quase insalubre, vive um casal que não consegue mais estabelecer sequer um simples diálogo. O restante da peça é dividido basicamente na estrutura de dois

monólogos paralelos. Embora estejam em cena e troquem algumas palavras entre si, fica óbvio que os dois, internamente, estão em lugares opostos que, embora juntos, estão distantes e, ainda assim, constroem uma relação de interdependência que não permite a fuga daquela situação.

Podemos dizer que o homem habita o terrível, experimenta o que há de cruel na sociedade. Em seu “monólogo” (escrevemos em entre aspas porque a relação de diálogo ainda permanece em poucos momentos, embora a característica monológica seja muito mais preponderante) o homem relata à mulher o que teria acontecido com ele durante um tempo em que esteve sumido de casa. Um quadro cheio de símbolos é apresentado ao público ao dizer que em determinado momento ele acordou numa banheira cheia de cubos de gelo e garrafas de cerveja, dentro de um quarto de hotel na periferia de Manhattan. Segundo suas descrições, o quarto estava numa situação de completa desordem, com roupas espalhadas pelo chão, móveis quebrados, baldes de gelo e comida. O cenário nos remete à uma possível orgia, acompanhada de drogas, bebidas, seguida de violência (ele relata sentir muita dor no corpo). Além deste cenário (que poderia ser uma alusão à própria vida do autor que era dado a este tipo de festas), o homem busca em sua memória outros momentos em que ele foi deixado inconsciente e teria sido agredido com cortes, queimaduras até ser encontrado numa lata de lixo num beco. Neste cenário, Tennessee trabalha a memória do personagem como um lugar de muita dor e sofrimento. O símbolo mais presente na memória deste personagem é o gelo. Não é à toa que o escritor se utiliza da água como o elemento que amarra toda a peça, em diferentes estados, para caracterizar seus personagens. Assim, o homem é equiparado ao gelo; um estado bruto em dissolução, congelado, amortecido, insensível às crueldades que seu mundo lhe traz.

O recurso da memória está sempre presente na obra de Tennessee Williams, contudo, via de regra, em busca de algo bom, um lugar em que pudesse se deliciar. Desta forma, Blanche Dubois se lembrava do passado de juventude e glória e lá permanecia, mostrando-se um complexo personagem preso ao passado. Quanto à busca pela memória Sábato Magaldi afirma:

O gosto da memória, além dos antecedentes literários, cuja expressão maior fora *À la recherche du temps perdu*, se ligava já a um vício característico da época: a exploração psicanalítica do passado, que via na infância o resumo do homem futuro e uma espécie de paraíso perdido, ao contrário da sociedade dissolvente. A consequência desse deliciar-se na memória era a fuga aos compromissos, o horror do empenho

prosaico numa tarefa, considerada rotineira. (MAGALDI, 2008, p. 353).²

Diante desta observação, podemos fazer a ousada constatação de que o personagem masculino encontra prazer ao olhar para este passado de dor e abuso de uma sociedade terrível enquanto ele está inconsciente e é “jogado de um lado para o outro como um cartão postal sujo”. Este sadismo é reforçado pelo fato de que o personagem, em momento algum da peça, mostra-se disposto a sair desta condição. Não há uma curva dramática (elemento básico do drama “bem-feito”) que desperte no homem o desejo de deixar este mundo que habita para enquadrar-se nos padrões sociais do então emergente *american way of life*. Há apenas uma vontade de reaproximar da mulher, quando no texto ele constata que estão vivendo juntos, apenas como dois estranhos que vivem juntos. Ele expressa o desejo de se reaproximar da mulher que, como resposta dá início ao seu monólogo que, ao contrário do homem, não se dirige para trás, para o passado, mas vai para dentro de si mesma, na sua imaginação.

No início de seu texto, a mulher afirma que quer ir embora para um pequeno hotel perto da praia. Em sequência, ela descreve com riqueza de detalhes um cenário no qual ela encontra tudo aquilo que a situação atual não lhe fornece. Os símbolos que Tennessee escolhe para compor esse quarto e essa nova vida são extremamente potentes e cheios de possíveis interpretações. A mulher conta de uma senhora que cuidará de suas roupas, da arrumação do quarto, de um cheque que receberá semanalmente pelo correio para pagar as contas. Enquanto o monólogo segue, sua imaginação vai tomando traços menos reais, possíveis, e ela conta de suas leituras dos poetas mortos, com os quais irá conversar e trocar segredos. Em suas descrições a mulher é transportada por esse espaço no qual permanecerá cinquenta anos sem sequer perceber a passagem do tempo. A cor branca está presente em vários momentos como símbolo de pureza, leveza, assepsia, diferente daquilo que vemos no quarto enquanto ela se deleita em seu transporte imaginativo. Ela diz que apenas se vestirá de branco e que seus cabelos vão ficar completamente brancos, equiparando-os à espuma das ondas.

Neste monólogo há a presença da água em seu estado líquido. A mulher deseja ardentemente pela chuva, ela recorre diversas vezes à uma estação de chuva que será uma constante durante o tempo em que ela habitar neste hotel perto do mar (novamente a água)

² MAGALDI, Sábato. O Texto no Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

até o fim dos dias, até que ela fique leve, tão leve ao ponto de ser carregada pelo vento. É desta forma que o autor se refere à morte da personagem feminina que, em seu desvario, deseja, assim como a água, tornar-se vapor e ser conduzida pelo vento.

A primeira ressalva que se há de fazer é que neste caso, não estamos falando de um futuro. A mulher, de fato, não tem a real expectativa de que isso vá acontecer. Não é verdade, não é possível. Tanto é que, ao final do monólogo, ela se deita e pede para que o homem vá deitar-se com ela, revelando uma interdependência que a incapacita de tomar a decisão de sair daquele lugar. A ausência de futuro é um traço presente na obra do escritor, muito inspirado no “drama analítico de Ibsen e nos diálogos pseudo-dramáticos de Tchekov, por estarem em questão em suas peças o passado e o presente, não o futuro (não há futuro), como pressupõe o drama” (COSTA, 2001, p. 135).

Nesta personagem, Tennessee reafirma sua impressionante capacidade de criar personagens femininos complexos, que transitam entre o real e o imaginário, capazes de criarem imagens fantasiosas. Neste sentido, cumpre citar mais uma vez a professora Iná Camargo Costa:

Em outras palavras: no tendo nascido em “berço de ouro”, não só o dramaturgo não tinha lembranças para mitificar como, ao contrário, dedicou sua arte a explicar as dificuldades, inclusive mentais, de um tipo de mitômanas sulistas que conheceu muito bem (COSTA, 2001, p.135)³

Portanto, nos encontramos diante de um cenário extremamente intrigante ao nos depararmos com estes dois personagens complexos, diametralmente opostos, mas que se encontram presos um ao outro neste quarto sem conseguirem se desvencilhar. Ao contrário do apontado por Jean-Paul Sartre em seu texto “Entre Quatro Paredes”, estes personagens estão ligados um ao outro pelas suas próprias vontades e, ali mesmo, alimentam um no outro seus horrores e suas fantasias.

Neste aspecto, podemos mencionar mais uma vez o entendimento de Sábado Magaldi que, ao analisar a peça “À Margem da Vida” fez a seguinte constatação que, indubitavelmente, se encaixa perfeitamente para o presente texto, a saber:

A sedução inicial do texto vem da confluência de duas constantes da literatura moderna, que informaram particularmente a juventude plasmada no clima da Segunda Guerra: o gosto da memória e o desejo

³ COSTA, Iná Camargo. Panorama do Rio Vermelho. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

de fuga, forças comunicantes que nascem da mesma insatisfação com o presente e a realidade à volta. (MAGALDI, 2008, p. 353).⁴

No entendimento de Margot Berthold, Tennessee Williams teria feito uma reflexão sobre o espírito dos remanescentes da tradição dos moradores do sul dos Estados Unidos, mostrando sensibilidade ao refugiar-se da aspereza do mundo moderno nos sonhos e no retraimento e ainda afirma que “Williams continuou neste caminho com variações cada vez mais grotescas sobre seu tema.”⁵

4. TENNESSEE WILLIAMS E RENÉ MAGRITTE

Trata-se de um rico exercício realizar um paralelo entre diferentes manifestações artísticas que comungam de semelhantes aspectos. Com este objetivo, vamos traçar neste momento um breve paralelo entre as pinturas de René Magritte com a peça que estudamos acima.

O pintor belga é considerado um dos mais importantes de todo o movimento surrealista, contudo tem uma assinatura muito forte que o diferencia dos outros de seu tempo. Enquanto Salvador Dalí desenhava relógios derretendo e corpos distorcidos, Magritte se dedicava à pintura extremamente realista, beirando o naturalismo, sendo considerada a sua pintura como o surrealismo realista, ou mesmo o “realismo mágico”. Contudo, o elemento surrealista de Magritte está nas ilusões que ele criava com seus objetos pintados, retirando de seus locais mais costumeiros.

As imagens extravagantes e naturalisticamente pintadas de René Magritte não são produto de sonhos nem de estados psicológicos autoinduzidos. Ao contrário, elas são o resultado da contemplação e do questionamento do artista em relação aos fenômenos da vida diária. Magritte acreditava que o pensamento consciente é que conduz a uma ideia, e a ideia é o que importa na pintura. (FARTHING, 2011, p. 432).⁶

Assim, encontramos na obra de Magritte imagens extremamente potentes, como vários homens, com aparente serenidade, caindo no céu, simetricamente dispostos no quadro propondo uma chuva. Ao analisarmos o quadro vemos homens muito bem

⁴ MAGALDI, Sabato. O Texto no Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

⁵ BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

⁶ FARTHING, Stephen. Tudo sobre Arte. Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

desenhados, o céu azul, um prédio e suas janelas quase realistas. Contudo, é exatamente o conjunto desses elementos e a sua disposição no quadro que formam esse elemento estranho à pronta compreensão humana. Da mesma forma, a clássica imagem do homem com chapéu de côco tendo uma maçã verde desenhada no rosto. É nestas justaposições que a genialidade do pintor reside.

Há ainda uma faceta do artista que deve ser aqui lembrada que é justamente a forma pela qual ele se brinca com a relação entre a palavra e o objeto que ela representa. Muito influenciado pelas inquietações do filósofo alemão Ludwig Wittgenstein sobre a palavra e seus significados, pintou quadros em que encontramos um objeto desenhado com uma outra palavra colocada como legenda. Por exemplo, vemos uma mala desenhada e, embaixo escrito “O Céu”. O que acontece com, talvez, a sua mais conhecida pintura de um cachimbo, que porta a legenda: *ceci n'est pas une pipe* (isto não é um cachimbo).

Diante do exposto, podemos agora traçar o paralelo com o texto de Tennessee Williams, “Fala Comigo Doce Como a Chuva”. Assim como Magritte, Williams traz à cena situações extremamente realista, tanto no que concerne ao cenário descrito em sua rubrica, quanto às imagens que seus personagens constroem por meio de seus discursos, que chamamos aqui de “monólogos paralelos”. Contudo, ao lançarmos um olhar sobre a peça como um todo, encontramos um quadro que não faz sentido, no sentido cognoscível/realista. Ou seja, enquanto o homem cria no público a sua imagem dentro de uma banheira cheia de cubos de gelo derretendo, a mulher cria a sua imagem vestida de branco, sentada num cinema enquanto conversa com poetas mortos. As imagens, a princípio reais, colocadas em conjunto criam a sensação que uma pintura de Magritte nos fornece.

5. CONCLUSÃO

Tennessee Williams é considerado um dos três maiores escritores americanos do século XX, ao lado de Arthur Miller e Edward Albee. Sua obra está repleta de símbolos que exprimem diversas formas de repressão (social, sexual, etc.), que já deram origem a vários estudos e inúmeras montagens de suas peças teatrais por todo o mundo, que são enriquecidas pelo entendimento dos diretores, atores e técnicos envolvidos nestas produções. Estamos diante de um poço infindável de possibilidades e uma delas foi vista neste trabalho, ao estabelecermos um breve paralelo de sua peça curta “Fala Comigo Doce

como a Chuva” com a obra surrealista do pintor francês René Magritte. Resta aqui uma primeira provocação para que as possíveis reverberações entre o encontro desses dois artistas possa redundar numa reflexão sobre a obra de Tennessee e, até mesmo, numa compreensão outra desta obra para que se possa encontrar novas e mais desafiadoras camadas artísticas deste autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSTA, Iná Camargo. *Panorama do Rio Vermelho*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

FARTHING, Stephen. *Tudo sobre Arte. Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

MAGALDI, Sábato. *O Texto no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

